

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXI

Semanário regionalista

N.º 659

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense

Director, Editor e Proprietário:

Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

Doutor Manuel Simões Barreiros

Figueiró dos Vinhos

A Paz sente-se,

não se impõe!

No discurso proferido perante as comissões da União Nacional, ou talvez, melhor, na lição política há dias pronunciada pelo sr. Presidente do Conselho para elucidação dos dirigentes da União Nacional, há uma parte que se ocupa da política externa de Portugal, e foca o problema da nossa posição em face da U. N. O.

Vi com prazer, e — porque não dizê-lo? — com um bocadinho de vaidade de que a frágil natureza humana não consegue libertar-se, Salazar defender doutrina e pontos de vista que eu já tivera oportunidade de advogar.

A questão gira em volta desta pergunta singela: até que ponto a U. N. O. reflete e representa a vontade mundial?

No estado actual de coisas a resposta não oferece dificuldades de maior. As três grandes Potências — Inglaterra, América do Norte e Rússia — criaram, puzeram de pé, dirigem e dominam um organismo que apelidaram de Assembleia das Nações Unidas, destinada a estabelecer as condições da paz para todos os povos.

Para ela convidaram não as Nações que melhor souberam guardar o culto da paz no presente e no passado, mas justamente as que intervieram na guerra.

Não há ficção nem habilidosa dialéctica capaz de destruir este paradoxo chocante.

Invoca-se, é certo, espectacularmente, que o recurso à guerra não foi um acto premeditado dos seus declarantes, mas o honrado respeito por compromissos tomados diante da ameaça da invasão da Polónia pela Alemanha. Se, Porém, outra tivesse sido a sorte das armas, os juizes de agora sentar-se-iam no banco dos reus, e não faltariam certas argumentações apodando os vencidos de criminosos de guerra.

Tenho sérias dúvidas de que uma paz imposta ofereça quaisquer garantias de estabilidade ou seja travão suficiente ao desencadear duma nova guerra. Se esta não surgir, atribua-se o facto a um único factor: invencível médo recíproco, para não dizer desvairado pavor, que em certas horas afinal a todos contamina.

De resto, a marcha dos acontecimentos esclarece quanto à compreensão dos ideais de paz daqueles que se outorgaram, pelo direito da força, detentores dos direitos da paz. Entre a Rússia e a América, entre a Rússia e a Inglaterra, entre a Rússia e o Canadá, para não fazer outras citações, o entendimento é praticamente o do cão e gato. Talvez seja preferível enveredarmos pelo caminho das realidades em vez de andarmos todos a brincar às fantasias sem consistência.

Reuniu em Londres a Assembleia das Nações Unidas. O que deliberou? O que resolveu de prático?

Em que aproveitou à causa da civilização? Dentro de que medida serviu a paz?

Quem será capaz de responder com acerto a esta série de perguntas?

A Assembleia não podia sequer sentir-se à vontade para ditar aos outros, fora do âmbito dos vencidos, quaisquer leis internacionais que teria de elaborar só por si em atmosfera ainda de guerra.

Dêmos tempo ao tempo. Ver-se-á na anunciada Assembleia da Paz, de que a de Londres se diz ter sido preparatória, a delicia paradística do amor fraterno dos homens e das Nações. Fica em suspense qualquer juízo pessimista, mas não arriscarei o menor vaticínio de optimismo. Oxalá me engane redondamente. Desejo-o do coração.

No fundo este mesmo pensamento transparece nas seguintes palavras do sr. Presidente do Conselho: «mais importa à paz do Mundo o espirito dos homens do que as palavras da Carta e os seus órgãos».

Atrás acentuámos a extravagância dos povos amantes da paz que através os séculos melhor a serviram, não haverem sido dos primeiros convidados para ingressarem na U. N. O.

Agora há que focar outra anomalia que Salazar com fino espirito também apontou.

Em Abril dissolveu-se a oficialmente em Genebra a Sociedade das Nações, com a entrega de valores à sua jovem herdeira. Como sócio daquela, Portugal assistirá ao funeral, e magoanadamente renunciará à sua parte dos bens deixados pela falecida.

Tão singular situação comentou a Salazar lapidarmente escrevendo: «Mas a solução só pode ser essa e a vida vai tão falha de lógica que não vale mesmo a pena fazê-lo notar».

Mas não pára aqui a série de incongruências.

Em Londres, sem qualquer concerto prévio com as Nações interessadas e sem a presença destas, elegeram-se, ou antes, nomearam-se os juizes do Tribunal Permanente de Justiça Internacional da Haia, com idêntico critério de exclusões ao que presidiu à própria organização da U. N. O.

Naquele alto Tribunal tivera Portugal oportunidade de mostrar o valor e o saber dos seus juizes que ali se faziam notar como dos melhores entre os melhores.

Quando o Mundo sentir a paz já não haverá necessidade de alguns imporem pela força aos outros a sua paz, e nessa hora regressará à normalidade o que h-je anda na verdade fora dos eixos.

Conselho a seguir

O sr. eng. Cancela de Abreu, ilustre ministro das Obras Públicas, visitou há dias a vila de Mortágua por motivo da inauguração do edificio da escola de Palas, tendo sido acolhido festivamente.

Nos Paços do Concelho realizou-se uma sessão solene de boas vindas ao distinto sucessor do saudoso eng. Duarte Pacheco.

Pelo significado que possuem e pela adaptação que se lhes pode dar quanto à necessidade imperiosa de se congregarem esforços, transcrevemos seguidamente algumas partes do discurso que S. Ex.ª pronunciou na quella sessão solene:

«Sou dos que vêem nos campos e nas aldeias de Portugal a seiva vivificadora da nossa nacionalidade perene de energias e riquezas, de energias a defender e a estimular, de riquezas a valorizar ou a promover.»

Não devem as possíveis divergências de credos políticos cavar abismos entre os homens bons desta terra. Deixemo-nos de lutas e de acintosos antagonismos. Do que precisamos é de juizo e sossego; é de louvar os favores da Providência, que tanto nos tem poupado no meio das tragédias do Mundo; é de termos a consciência do bem e do mal, de termos a noção exacta dos perigos que podem subverter-nos, a nós e à nossa paz, e à nossa casa e à nossa família; do que precisamos é de continuar a mostrar-nos capazes desse sossego, dignos desses favores, para podermos legar aos que nos sucedam, valorizada e sã, a Pátria que recebemos, doente e empobrecida, das mãos dos antecessores. Que assim seja. Que Mortágua constitua, na relatividade das coisas, um exemplo a citar desse bom-senso e desse exito.»

De desejar é que esses luminares conselhos de união e pacificação sejam seguidos, porque só assim se conseguirá mais facilmente continuar encaminhando o nosso País na senda do progresso e da felicidade.

AO SERVIÇO

DO IMPÉRIO

No momento em que se discute com evidente oportunidade e grande interesse patriótico o problema da nossa marinha mercante cujo programa de reorganização; elaborado pelo Governo, está em plena realização; no momento em que se põem em foco as necessidades alimentares da Europa onde a fome campeia, infrene, causando vítimas a milhares, é oportuno saber se que a abençoada paz em que temos vivido, sem egoísmo e com preocupações infinitamente menores do que as que dominam outros povos, nos proporcionou, através da nossa marinha mercante, um bem estar incalculável no abastecimento do nosso mercado com matérias alimentares de origem colonial.

E embora fossem grandes a dificuldades de transportes nestes últimos anos desviados alguns barcos para a rota América de onde outros produtos alimentí-

cios nos são trazidos, embora alguns dos nossos navios fossem deslocados pela imperiosa necessidade de transportar tropas e de vela soberania nacional em todo o Império nunca a marinha mercante deixou de cumprir com acentuado esforço e particular dedicação, carregando do nosso domínio ultramarino mercadorias que longe de igualarem a tonelagem anterior, antes a superaram em dezenas de milhar de toneladas.

Na linguagem dos números se demonstra o que tem sido esse trabalho contínuo e persistente, superiormente orientado. Em 1939 as Colónias exportaram para a Metrópole 206 mil toneladas de mercadorias; em 1942 o número de toneladas foi de 257; em 1945 foi de 268 mil.

Estes números revelam que essa exportação foi progressiva e que foi necessário um grande esforço para que, desviados alguns barcos, por necessidade imperiosa, da rota de África, não diminuisse a tonelagem embora durante este período se tivessem adquirido algumas novas unidades. Convem ainda acentuar que, entre as mercadorias transportadas, ocupam o primeiro lugar, pela quantidade, o açúcar, o milho, o arroz e o feijão, produtos estes que largamente são utilizados no consumo diário dos metropolitanos.

Estes dados estatísticos significam que foi conseguido o objectivo do Governo intensificando de forma notável o comércio especial com as Colónias; enquanto o Mundo era um sorvedouro de vidas ceifadas pela metralha, as tripulações dos nossos barcos mercantes, quase sem descanço, realizavam viagens após viagens, não se poupando a sacrificios, afrontando perigos, para cumprir as ordens do Governo para que à metrópole não faltassem matérias alimentícias.

Mas a reorganização da nossa Marinha Mercante impõe-se; essa imposição levou o Governo a elaborar o plano que actualmente se executa. Foram encomendados 30 navios com uma tonelagem superior a 220 mil. Deses 30 navios, 28 estão já em construção e 6 deles serão entregues ainda este ano, 12 no próximo ano e 10 em 1948. Este facto diz nos que a tonelagem de matérias alimentícias das Colónias para a Metrópole está progressivamente assegurada e que mais uma vez o Governo da Nação dominou um importante problema na previdência da sua actuação e no seu prestígio externo, conseguindo a construção de novas unidades para a marinha mercante nacional.

Dr. M. Simões Barreiros

Deslocou-se esta semana a Lisboa, donde já regressou, o sr. dr. Manuel Simões Barreiros, presidente da Câmara e director deste jornal.

Hora de verão

Na noite de 6 para 7 de Abril serão os relógios adelantados uma hora, como usualmente vem sucedendo há vários anos

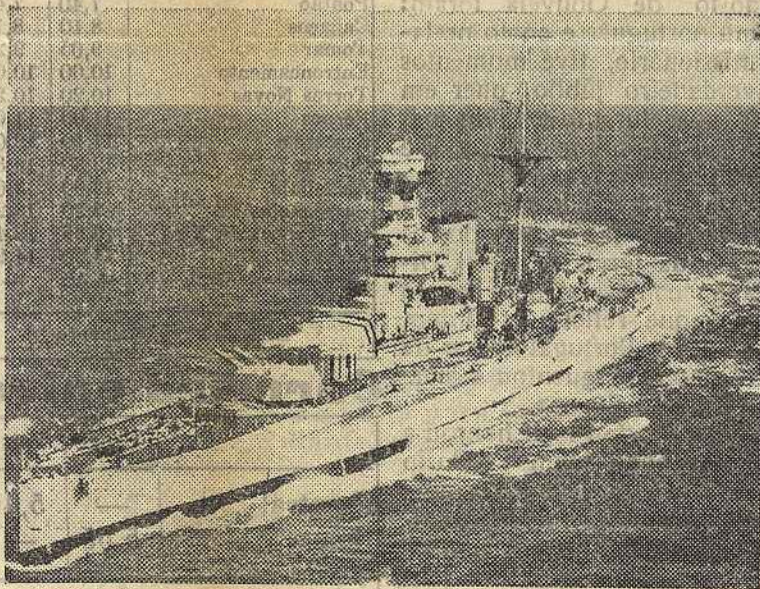
João António Semedo

Passou no dia 21 do corrente mais um aniversário do falecimento do saudoso administrador do nosso jornal, sr. João António Semedo.

Não podemos deixar de mais uma vez arquivar nas colunas deste jornal o muito que por ele fez com a sentida lembrança da sua companhia e orientação.

Todos quantos trabalham em «A Regeneração», prestam homenagem a João António Semedo, querendo significar quanto lhes é grato recordar a saudosa memória do amigo companheiro de trabalho.

O Coraçado "Nelson,"



que, em visita de cortezia a Portugal, se encontra no Tejo com uma esquadriha de contratorpedeiros

SUA SANTIDADE PIO XII

honrou a Igreja elegendo Dom Teodosio de Gouveia a Cardeal

Portugal Senhor dum vasto Império Prestigiou-se lembrando aos vindouros a História trágica dos seus Missionários em terras estranhas.

E' pequeno o espaço que tentamos para podermos espraizar sobre o verdadeiro sentido das missões religiosas no ultramar — e quem como nós andou palmilhando algumas dessas terras noutras tempos inclementes, pode avaliar sentidamente a importância dessa bemfazeja Cruzada.

Desnecessário se torna pois, evocarmos os princípios do cristianismo e os tormentos dos primeiros apóstolos, como S. Pedro em Antochia e Roma, S. Mateus na Judéa e Epheso, S. João na Ásia e S. Paulo na Grécia.

As nossas intenções são outras. Mas, no entanto não devemos confundir também o Apóstolo com o Missionário — porque os apóstolos como S. Pedro, S. Mateus, S. João, e S. Paulo apregoaram a boa doutrina de Cristo e os Missionários são os que ensinam aos heréticos o Evangelho.

E tão belos frutos se colheram, que Roma e França em outras eras chegaram a criar organizações especiais para esta árdua e tantas vezes inglória tarefa missionária.

Embora Roma e França organizassem melódicamente e especialmente os deveres do Missionário — Portugal Senhor de Navegações e Conquistas e dum vasto império foi o que mais se notabilizou pelos seus actos e sacrificios que levou muitos dos seus seus missionários a morrerem trágicamente conforme nos é relatado nas velhas páginas já amareladas dos Códices.

E assim evocar os sofrimentos dos mártires da Etiópia e dos que tombaram inglòriamente na Ásia, na Africa e na Oceania, tudo em nome de Deus e da Religião Cristã, coloca Portugal em lugar proeminente.

Portugal pois, à face de todo o Mundo pode orgulhar-se ufantemente em nome da boa Doutrina ter espalhado entre as raças mais variadas, o verdadeiro sentimento humano.

S. João de Brito, Frei Goes, Frei António de Andrade, Frei António das Chagas e tantos outros, são expressivas realidades do que o Missionário português ousou sem temeridade e afrontando todos os perigos-realizou e ainda hoje realiza para fortificar não só o poderio secular e intangível da Igreja Cristã, como deste lúcido e cada vez mais histórico Portugal.

Mas ainda não isto que pretendemos focar. Mas sim a elevação no último Consistório realizado em Roma e Cardeal Dom Teodosio de Gouveia, prelado dos mais eminentes da Igreja de Ultramar.

A sua ascensão ao mais alto lugar da Igreja, vêm precisamente reforçar e nestas horas sombrias, a demonstração altamente patriótica que uma Nação como Portugal desde épocas imemoraes sempre conservou e prosperar.

E assim o triunfo alcançado nesse último e já histórico Consistório, firmou significativamente a universalidade da Doutrina

Cristã — e como «portugueses temos fundadas razões para jubilo festivo e entusiástico».

E se Dom Teodosio de Gouveia não possuísse aquelas raras virtudes dos seus Maiores, que nas mesmas longínquas paragens entre raças diferentes, à chuva, ao vento, às intempéries do tempo, quasi como o mais escarnecido pedinte, não teimasse com perseverança, resignação e paciência evangélica, em ministrar a sagrada Doutrina aos infiéis não seria agora recompensado.

Mas o Santo Padre no alto da sua Cadeira Pontificia, e em nome dos sagrados Deveres que representa humildemente na Terra não quiz esquecer Portugal Senhor dum vasto Império — porque elevando o significava a alta missão dos seus antecessores porque era «glória da Igreja e glória de Portugal que por toda a parte acendeu nas almas claridade cristã».

O Senhor D. Teodosio de Gouveia foi em Roma o representante egregio de Portugal missionário».

Perante tudo isto não podemos esquecer e com justiça o que escreveu Mons. Tardini: «que o esplendor da Púrpura romana, na remota colónia de Moçambique, redonda em honra de todos os que nesta e nas outras colónias portuguesas, com desinteresse e dedicação trabalham pela difusão da Boa-Nova.»

E na confissão espontânea e sincera, que o primeiro Cardeal da nossa Africa, teve, foi a agradecer a Deus como humilde servo que é, e de continuar na labuta insana para poder dar a Portugal o esplendor de que é merecedor.

Não esqueceu o ilustre prelado de frisar ter sido «grande a honra para Portugal», porque assim chamou ao mundo as atenções para o nosso vasto império e a obra civilizadora que o missionário com toda a responsabilidade têm sabido inteligentemente fortificar e «em matéria de evangelização do gentio e cristianização da Africa, nos impõem agora o dever, a obrigação de irmos mais longe, tão longe quanto possível».

E as últimas palavras de Dom Teodosio de Gouveia foram: «Como português e como prelado missionário, tive momentos de verdadeiro jubilo, quer em Roma, quer durante a minha viagem entre Lourenço Marques e a Cidade Eterna...»

A Dom Teodosio de Gouveia não esconde o jubilo de todos os prelados da Igreja pela alta Dignidade conferida pelo Santo Padre — que refletia na Ordem mantida em Portugal apesar da guerra que ensanguentou e martirizou toda a Europa.

Sua Santidade Pio XII honrou a Igreja elegendo Dom Teodosio de Gouveia a Cardeal, e Portugal senhor dum vasto império prestigiou-se, lembrando aos vindouros a história trágica dos seus missionários em terras estranhas.

NOTICIAS de CAMPELO

Subscrição para melhoramentos do adro da igreja de Campelo

O reverendo pároco apresenta a expressão da sua profunda e indelével gratidão a todos os subscritores abaixo assinados :

Transporte	1.643\$50
Anónimo—Lisboa	100\$00
João Domingues Rosa —Faro	100\$00
Martinho Simões—Ponte Fundeira	10\$00
Casimiro Martinho Simões—Lisboa	50\$00
António Henriques de Abreu—Casal	5\$00
Maximiano Simões Agria—Casal	5\$00
Cesar Simões Cascas Campelo	20\$00
Vitorino Pereira Henriques—Campelo	10\$00
Manuel Alves—Ribeira Velha	10\$00
João António dos Santos—Campelinho	5\$00
Maria José Loja—Campelinho	5\$00
Manuel Martins Clarinho—Paralcovo	5\$00
Vitorino Carvalho —Campelo	20\$00
Maria L. P. —Campelo	15\$00
Manuel Rosa —Campelo	5\$00
José Ferreira—Campelinho	10\$00
António Coelho Simões —F. dos Vinhos	20\$00
Anibal dos Reis Moraes—Campelo	20\$00
Manuel Felipe—Relvas	10\$00
Joaquim Henriques Simões—Coruche	50\$00
Padre Manuel Luís —Campelo	100\$00
Padre Cipriano Domingues Rosa—Rabaçal	100\$00
Soma	2 318\$50

(Continua)

C.

Afirmações de quem sabe ver

Randolph Churchill, brilhante jornalista com um apolido de grandes e especiais responsabilidades no xadrez internacional, publicou algumas crónicas as quais já foram reproduzidas num vespertino lisboeta, que merecem referências nestas colunas.

Nelas se diz que Salazar é um dos estadistas mais competentes da Europa e o caso português exemplo grande de quanto vale, para os destinos dos povos, serem administrados por homens eficientes e humanos.

Cada crónica reflete um conjunto de impressões que ninguém ousará dizer que não são sinceras impressões pessoais, livremente escritas. O jornalista escreveu o que viu e sentiu, soltando francamente a sua pena de profissional, no à-vontade de quem conhece o panorama politico do mundo de hoje através de uma experiência vivida, por vezes em rasgos de aventura que lhe deram renome universal.

Que dirão agora, perante tão imparcial parecer de análises, certos vultos comicieiros e paladros de café, agoniados patriotas atirando aos quatro ventos demoliberais as suas queixas e receios de Portugal de Salazar malquerer à Nação aliadamente secular? Que outros discursos levharistas tocará oravante o gramofone mudist?

Se calhar, afirmam que, na reportagem de Randolph Churchill, anda o dinheiro do Socorro Social. Anda sim uma coisa, mas não dinheiro. Anda a certeza do jornalista ter verificado livremente que o Estado Novo é pessoa de bem e governado por «homens eficientes, apurados e humanos», o que nem sempre aconteceu em determinados tempos da M. U. D..

Domingos Duarte
Médico
Retomou a clínica
Figueiró dos Vinhos

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.** da

Sede **FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Asambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Asambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,05	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa—R. da Palma N.º 268—Tel. 28114

NOTICIAS de PORTELA DO FOJO

Necessidades colectivas.

Tem esta freguesia estado sob uma enorme crise; nota-se que a colheita do azeite, milho e batata foi muito inferior à dos anos anteriores; talvez que a principal razão fosse a seca.

Tudo isto vai contribuir para que a fome, e a falta de substâncias alimenticias continuem, o que é de lamentar, pois se dentro da nossa massa trabalhadora faltar o pão, o que virá a acontecer nos humildes lares, onde há homens, mulheres e crianças?

Estamos convencidos de que a falta de géneros alimenticios, é geral, mas também creio que faltas desta natureza não devem haver. Não queremos com isto dizer, que se devam culpar os dirigentes da nossa freguesia, porque não lhes podemos atribuir uma incompetência; mas o que desejamos todos, é que eles tendo possibilidades para isso, se interessem, e tenham vontade.

Estamos certos que se fará tudo quanto possível, para que todo este mau andamento anterior, não seja imitado, e que para o ano corrente se possa regularizar todo este mau estado de coisas.

Todos nós devemos ter consideração por um nosso semelhante, que é dotado de carácter moral e material, e que para angariar meios para a sua subsistência e do seu lar, precisa de trabalho em série, conforme os dias da semana.

Estrada.

A grande iniciativa que principiou há uns meses, continua, e dentro em breve farei a descrição mais pormenorizada dos obstáculos que se vão desfazendo.

Obito.

Finou-se há dias nesta freguesia a sr.ª D. Isaura dos Prazeres, dedicada esposa do nosso particular amigo sr. Joaquim Simões, a quem, por este meio, enviamos os nossos sentidos pésames.

Chuva.

Tem chovido um pouco nesta região, o que está bastante beneficiando as nossas culturas, que em contra-partida dos bens sofridos, está a dificultar os ventos fortes e frio contínuos.

Batata e Milho.

Já principiou a cultivar-se nesta região a batata, que devido à grande falta de adubos, se não pode esperar colheita, o que nos virá a prejudicar no corrente ano.

Tambem os campos já principiam a ser mexidos, para que se dê o início à sementeira do milho, que costuma fazer-se no próximo mês de Abril.

Joaquim J. Fernandes
Médico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

Assinantes em débito

Chamamos a atenção dos nossos estimáveis assinantes residentes nas colónias e no estrangeiro, bem como, dos srs. procuradores ou representantes dos mesmos, para o atraso de pagamento em que estes nossos estimáveis amigos se encontram.

Apelamos também para os nossos estimáveis assinantes que residem em freguesias ou lugares onde não nos é possível fazer a cobrança pelo correio, para efectuarem ou mandarem pagar as suas assinaturas na nossa redacção.

Coisas da Vida

XII

Bruxas

Temos falado de caminhos, estradas, vias públicas e passagens obstruídas nesta freguesia de Arega nomeadamente desde a sede de freguesia ao lugar do Casalinho.

Esperamos hoje por outros caminhos mais invios talvez e de maiores encruzilhadas por onde certas pessoas se emaranham e perdem física e moralmente.

É o caso da superstição. Superstição é acreditar em bruxas e feiticeiros e dar a certas palavras e actos virtude e poder que não tem.

A ferradura à porta, as pontas do carneiro, as figas, o signo saimão, a cruz de trovisco e tantos outros amuletos... números e circunstâncias a que ligam azar fazem superstição.

É ainda a mulhersinha que levanta pragas e endireita a espinha caída etc., etc.

Em questão de bruxas e feiticeiras, o caso reveste porém singularidade.

Pede-se um feitiço para o derrico que se esquivou; consulta-se a bruxa que tudo advinha e explica.

Explica tudo e não advinha nada, mas engana certos lorpas pasmados perante tanta virtude oculta; a clientela avoluma-se e o negócio torna-se rendoso, tudo por vezes, com foros de sensacional.

Nestes meandros quantas intrigas a criarem inimizadas, desuniões, a dividir famílias! Quantas vítimas inocentes e quantos disparates a que renda culto a crença ingénua dos simplórios...

Certamente que ao pensamento do leitor estão ocorrendo inúmeros dislates de que é sabedor neste sentido.

Mas lembre ainda o caso daquelle mulhersinha que guardando o anel esquecera-se onde o colocara e supondo-o roubado, foi à bruxa que imediatamente lhe indica o paradeiro: o marido tornara-se-lhe infiel, e passara-o a requestadora de seus affectos. Dai veem suspeitas, ciúmes desarmonias... e, depois desta ignóbil tragédia, em hora calma quando menos se contava, aparece o decantado anel, no sítio onde o colocaram.

Não exercem divinação somente mas fazem de charlatães e curandeiros.

A droga, a mesinha caseira e herbanária ou a mistela imunda, infecta e repugnante fazem receitas pela mulhersinha de virtude, panacea que tudo cura, com a diferença que só agrava e encaminha para a morte.

Aquella rapariga, um verdadeiro anjo na familia, adoeceu com sintomas bem pronunciados de tuberculose pulmonar.

Foram primeiramente ao barbeiro da terra, que na região exerce medicina com mestria, e feito o diagnóstico, receita um xarope diacol que não eliminou o mal.

Consultam depois o médico que a trata com medicamento apropriado e, como as melhoras se não fazem sensíveis, julgam entre si, que ninguém há entendido a doença e, só o tal mulhersinha a pode debelar. Resolvem-se e vão consultá-la.

Remédio eficaz: a doente já tinha expectoração sanguinea, por conseguinte, próximo a hemoptize (nestas circunstâncias é preciso dominar a tosse, manter repouso absoluto com posição torácica elevada) e a bruxa diagnostica-lhe um "bichon" lá dentro e que ela tem de

'Directrizes de pensamento e imperativo de acção'

A feição atlântica e universalista que através dos séculos define o rumo da história portuguesa, tem hoje tão verdadeira expressão na identidade luso-brasileira que os povos das duas nações irmãs encaram o fenómeno como perfeitamente natural. Ninguém comprehenderia, por isso, qualquer afrouxamento nas múltiplas manifestações da chamada «política atlântica», hoje uma realidade de maior valor no xadrez internacional. Em contrapartida, tu lo quanto conorra para dar a esse sentimento com novas forças, é acolhido em Portugal e no Brasil com a expectativa e agrado que causam as glórias próprias,—tão indissolúveis se tornaram os laços dessa política. Ela não representa, com effeito, como em 1939 afirmou Salazar, «imagem de retórica para nenhum português de hoje, mas directriz de pensamento e imperativo de acção. Essa directriz que o Governo do Estado Novo tem permanentemente seguido e cuja essência

fazer sair ou abortar, puxando pela tosse nesses momentos de expectoração.

Por dita sua, não teve hemoptizes que podiam ser fulminantes.

Desiludidos por último, chega a um hospital já tardiamente, por se haver perdido antes, nos caminhos invios e tenebrosos da superstição.

Deus condena no primeiro dos seus mandamentos a superstição e os livros santos falam dos severos castigos de Deus por este peccado.

Não pretendendo abusar da paciência e bondade dos nossos leitores, rematamos com o seguinte que recortamos de um jornal de Lisboa— República — que não pode ser alcunhado de papista:

«Um dos aspectos de saneamento moral a que é necessário proceder-se em muitas regiões do país é a depuração das bruxas e mulhersinhas. Nos grandes aglomerados populacionais e nos pequenos lugarejos remotos de primitivos e incertos meios de comunicação a praga é a mesma. Existem casas luxuosas onde se fazem mesinhas e invocam espiritos para curar os doentes de alma fraca e atrair os outros mais fracos ainda que os levam lá. Mas também existem buracos imundos onde se consulta a arte mal cheirosa de qualquer velha com um gato preto que quebra enguiços e deita maus olhados.

É, em volta destas diversidades de graus de bruxedo, do caro ao barato, andam milhares de pessoas iludidas e perturbadas, há centenas de lares destróçados, ou infelizes e vai-se baixando cada vez mais o nível de saúde moral da população.

Escrevem-nos de Coruche, agora para nos dizerem que a pitoresco e sossegada vila do sul do Tejo anda, como toda a sua região, infestada de bruxos e bruxas. A praga dos feiticeiros e mulhersinhas de virtude caiu naquella laboriosa zona e atacou-a vorazmente, como um cancro.

Este mal de superstição parece endemico e necessita para o debelar de instrução religiosa intensificada, pois é sua causa o sentimento religioso mas ignorante.

Março de 1946.

M. Gonçalves

faz parte da própria consciência nacional portuguesa, reflecte-se igualmente na acção do Estado e dos particulares, na paz como na guerra, tanto através de actos de intercâmbio económico ou cultural como da afirmação de uma solidariedade superior a todos os acontecimentos.

Os últimos dias serviram para exaltar a razão e o valor dessa política atlântica reaffirmada pela voz do novo Ministro das Relações Exteriores do Brasil, dr. Neves da Fontoura, afirmando:— «continuarei a ser amigo de Portugal, o amigo da velha e gloriosa Nação a que estamos ligados pelo sangue, pela fala e pelo sentimento»; e igualmente destas palavras do novo Embaixador de Portugal no Brasil, dr. Pedro Teotónio Pereira: «para nós, portugueses, o Brasil, como ontem, hoje e amanhã, está sempre tão próximo de nós que dir-se-ia se confunde com a nossa ileia de Portugal».

A mesma fala, o mesmo sentimento, o mesmo sangue caldearam em cinco séculos de história essa amizade luso-brasileira, de que o recente acordo ortográfico foi um resultado de largo alcance e de que constituíram bela manifestação as provas de simpatia à marinha portuguesa representada pela «Sagres» na Baía de Guanabara e pelos nossos marinheiros na eleição do novo Presidente dos Estados Unidos do Brasil, General Eurico Gaspar Dutra.

E se finalizarmos esta notícia com a certeza de que o novo Embaixador do Brasil em Portugal, dr. Henrique Dods-worth, é um novo elemento de valorização desses sentimentos comuns, teremos como realidade de cada vez mais viva entre Portugal e Brasil, a mesma política atlântica — «directriz de pensamento e imperativo de acção», do Governo e do povo portugueses.

Anúncio Edital

Tribunal da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Ministério da Guerra

Pelo Tribunal Criminal da comarca de Figueiró dos Vinhos e respectiva secção, correm editos, a contar da segunda publicação do anúncio, notificando o reu José Nunes Paulino, também conhecido por João Neves, o qual teve o seu último domicilio no lugar do Vale das Zebras, desta freguesia e comarca, para no prazo de dois meses se apresentar neste Tribunal, sob pena de não o fazendo prosseguir à sua révelia o processo de querela que lhe move o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca, como autor do crime previsto no artigo 393 do Código Penal e punível pelo artigo 398 n.º 1 do mesmo Código, pelo qual se acha pronunciado. Terminado o prazo dos editos o reu poderá ser preso por qualquer pessoa do povo e por qual quer official de justiça ou agente de autoridade, para ser entregue a juizo.

Figueiró dos Vinhos, 21 de Março de 1946.

O Juiz de Direito
Ruy Manuel Sanches da Gama
O Chefe de Secção
Francisco Pinheiro Mourisca

Nova Oficina

DE
Canalizações de água quente e fria. Aquecimento central. Aquecimento por fogões de cozinha. Reparações de caldeiras a vapor. Montagens de casas de banho.

Serviço com toda a perfeição e garantia

José Correia
R. da Torre-Figueiró dos Vinhos

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Mmanuel Simões Barreiros & Irmão, Lda
Armazém de Lanifícios
Figueiró dos Vinhos

Só tem frio quem quere!!

Em Figueiró há a Casa Godet, que tem o maior sortido em artigos para agasalho, casacos e blusas para Senhora, camisolas de lã, lindas fazendas, a metro, camisolas de puro estambre, interiores tanto para Homem como para Senhora. Boas fazendas para casamento e baptizado. Completo sortido em chapéus de cabeça desde o Joanino ao Palmares e outras marcas exclusivas para esta Casa. Há enxovais para baptizado, já feitos.

A casa do Gustavo avisa todas as Ex.ªs Modistas, de que adquiriu já a máquina para forrar botões e por isso desta data em diante está ao dispor de V. Ex.ª

Figueiró dos Vinhos

Gustavo Coelho Godet

ANUNCIO

Tribunal da Comarca de Figueiró dos Vinhos
Editos de 20 dias

Faz-se saber que por este juizo e secção de processos, correm editos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação deste anúncio, citando quaisquer credores incertos, para no prazo de dez dias, findos os editos, virem à execução do processo sumário que o exequente Joaquim Simões Ladeira, casado, proprietário, residente no lugar de Santarém, desta freguesia e comarca e executado João Paulino, viuvo, proprietário, residente no mesmo lugar de Santarém, deduzir os seus direitos, como determinam os artigos 864 e 865 do Código Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos, 20 de Fevereiro de 1946.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Ruy Manuel Sanches Gama
O Chefe de Secção
Francisco Pinheiro Mourisca

JUVENTUDE

«Nas asas da mocidade voa ligeira a vida.»

P. Dubois

Espírito de Contradição

É frequente vermos a nossa juventude cambalear um pouco no que respeita a ideias firmes e precisas.

Somente mau gosto, mesmo muito mau gosto é que leva a mocidade de agora a ir na corrente das primeiras impressões e a estar, por tudo e por nada, em espírito de contradição.

Actualmente a humanidade não sabe para onde caminha, está colhendo os horribes frutos duma guerra monstruosa acabada há pouco e nós temos que ter cautela com os passos difíceis da vida que dia a dia damos, temos certa responsabilidade em aderir às ideias que até certo ponto nos parecem mais aconselháveis e a nossa mocidade, se os homens não sabem para onde caminham, muito menos saberá o seu verdadeiro rumo. E assim a responsabilidade sai dos limites confiados e entra, se não houver segurança e ponderação nos domínios do desentendimento e da corrupção.

Devemos procurar os entendidos, devemos observar os factos com certo optimismo e não com aquêle pessimismo derrotista que é frequente ver em certos jovens e que lhes dá uma nota discordante de falta de patriotismo. Devemos traçar a nossa conduta, senão perder-nos-emos no labirinto da vida.

Nas asas da mocidade voa ligeiramente a vida, e é preciso estimá-la e não desperdiçar o que a natureza Divina nos legou para desempenharmos a nossa função na terra,

Sagres!

Poucos povos espalhados pela superfície do globo ostentam mais variada galeria de melhores servidores do que a gente portuguesa.

Bravos architectos de impérios conquistados, a golpes de montante, para além dos mares e inscritos depois na soberania da Igreja, quantas vezes entre tantos, com a palma do martírio, esses "fazedores" de terra cristã tiveram como expoente máximo, a impor-lhes a nobre missão, o Infante de Sagres, no anseio sublime de dar forma perfeita à divisa escolhida: "talent de bien faire!"

As suas caravelas, quinadas para o imprevisito em rotas estudadas nas cartas de marcar, descobriram à navegação — que não passava para o sul das Canárias, nem ia ao mar largo, chamado Mar Tenebroso, no dizer do Almirante Gago Coutinho — novos oceanos e novas terras.

Navegando para o futuro, a Escola de Sagres não foi mais do que o Ascendente notável que guiou pelos oceanos fora Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, até Fernão de Magalhães, circundando a terra por mais terra não ficar por descobrir!

Por isso não podia cair no silêncio a passagem de mais um aniversário do nascimento do Infante.

Neste propósito a douta Sociedade de Geografia, comemorou com singular importância tão faustoso acontecimento numa sessão solene.

a função que até à data continua a ser uma incógnita e só-lo-á enquanto Deus persistir em manter em absoluto mistério, o problema da nossa vida.

Devemos ter consciência dos actos que praticamos não devemos, como é frequente ver-se, atacar a Família e a Pátria, pois fazendo-o baixamos cada vez mais o nosso nível moral e nós não levemos ser materialistas mas sim, temos a restrição obrigação de nos elevarmos um pouco acima de tudo o que nos rodeia para entrar na esfera intelectual onde tanto se degladiam os homens.

Não devemos ser cépticos e facciosos pois assim seremos levados a grandes erros e a más interpretações e acho que nós — a juventude — devemos procurar estabilizar, equilibrar um pouco as nossas ideias nesta tão perigosa idade das ilusões.

A. Luiz

Grémio da Lavoura

Tomou posse de Gerente do Grémio da Lavoura dos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão Grande, o nosso amigo sr. João Vieira.

Educação Física

Nunca é demais repizar que as nações civilizadas persistem em dedicar especial atenção às gerações novas e assim vemos que em quasi todos a Educação Física toma grande incremento e isso é prova evidente que na mocidade está o futuro da nação, nos jovens os homens de amanhã.

Na idade de crescimento o nosso corpo precisa de um estímulo, de um educador que faça vigorar ao máximo as forças do nosso organismo.

Temos um caminho a traçar neste campo e temos que o saber elevar à sua devida altura senão o nosso corpo será aleijado, não se desenvolverá convenientemente e seremos altamente prejudicados na nossa construção física.

Nem todos os Pais são unânimes em concordar que a Educação Física é um elemento imprescindível no jovem. Há-os ainda que têm um pouco de amor próprio e também um pouco de espirito rotineiro e vivem apegados aos seus tempos de menino e moço em que se jortaleceram por meio dos rigores do tempo e dos rigores dos trabalhos extenuantes — a verdadeira escola deles. — Não temos o direito de levar a mal que alguns não partilhem das nossas ideias pois a experiência da vida deles e a nossa juventude são dois campos opostos, contudo nós temos que nos amoldar à nossa época e compreender acima de tudo os altos benefícios que nos traz a chama educação do nosso corpo.

Noutro número trataremos do problema da Família perante a Educação Física, agora somente incitaremos os jovens a meditar em neste problema e fazerem os possíveis por compreenderem que devem quanto antes entregarem-se de alma e coração, como se costuma dizer, à Educação Física para assim desenvolvermos e melhorarmos quanto possível a nossa raça de tão altas tradições e virtudes.

A. S.

Aeronáutica

Nem tudo são armas para a guerra

É quasi sempre com desdem que se ouve falar da aviação, a arma do terror e da destruição.

Certo, é que, sendo assim, ela é a arma mais valiosa para a condução à paz. Que seria de nós se utilizássemos, como os antigos, as velhas armas? Decerto acontecer-nos-ia como a eles, passando vidas, mesmo gerações, dentro do fi gelo que é a guerra. Hoje as guerras embora longas, para nós que estamos habituados às grandes velocidades próprias da época, são devido aos grandes inventos (armas de progresso e paz), reduzidas a uma duração quasi que deminuta se as compararmos.

A Aviação, segundo definição do distinto Oficial de Aeronáutica sr. Humberto da Cruz, é como que um arco sempre recurvado. Esta é talvez a verdadeira, mais perfeita e simbólica das definições que conhece. A civilização que avança a passos largos aliada ao dinamismo do vido moderno em constante peleja pelos interesses comerciais e industriais é razão suficiente para não levar a dizer ou melhor, chamar, à aviação a terrível arma de guerra.

Ela não é somente uma arma de guerra, ela é uma das mais valiosas armas para a paz, progresso da indústria comércio.

Sendo verdade que foi criada para a guerra, tem como verdadeiro fim a diminuição da sua duração, porquanto é a arma da penetração rápida, a que abate o moral do povo e por último a que destrói os pontos principais, levando assim os povos à paz.

«O homem, esse desconhecido» como diz o sábio Alexis Carrel, uma vez na posse do grnde invento que a aviação, procurou por todos os meios torná-la terrorista, para assim mais facilmente conseguir o seu fim. Assim, o povo de hoje, talvez ainda agarrado aos velhos pergamidos, continua se bem que erradamente chamando-lhe, digo erradamente, visto que o seu emprego não é somente como arma de guerra, mas mais ainda como arma de paz, senão vejamos: Seria possível a salvação de tantos seres, pela necessidade urgente e rápida de deslocação sem recorrer à aviação? Seria possível unir Porto-Lisboa em cerca de 45 minutos? Seria possível a rápida e confortável viagem para a América em vinte e quatro horas? etc., etc.

Estou ócio que não e por isso a razão que me leva a chamar-lhe a arma da paz e até talvez lhe possamos chamar a da salvação.

O homem ainda não conseguiu aproveitar toias as condições e aptidões do motor aeronáutico, mas logo que o alcance, terá nas mãos a resolução dos maiores problemas da sociedade e consequentemente a maior arma para a paz.

Os serviços que a aeronáutica vem prestando à humanidade são de alto relêvo e indiscutíveis e para aproveitálos na plenitude do seu labor, preciso será que os dirigentes um conceito sigam, e este, o de Gustavo le Bon, que diz:

«Para alcançar o fim a que a educação deve aspirar, o mestre tratará os seus discípulos pelos diversos procedimentos que a psicologia lhe ensina ou deve ensinar-lhe: a imitação, a sugestão; os presépio, o exemplo, a fascinação. São meios cujo emprego não pode ser desconhecido».

Aplicado o conceito nada haverá

Cantinho dos Novos

A vida

Ao abrir os olhos a criança encontra logo perante si uma toalha a que se chama vida. Ela pobre inocente, recém nascida, não vê que sobre essa toalha que parece um mar de rosas, não aparecendo aqui e além os espinhos da vida.

Nós, criancinhas de ontem, que ao apparecermos sobre a Natureza não notamos o peso do fardo que sobre nós assentou, vamos notando-o à medida que os anos passam deixando vincados em todo o nosso Ser a sua agrora passagem.

Os dias passam lestes e os anos são minutos, no entanto todo o nosso Ser vacila com os espinhos «obstáculos» que perante nós se elevam, a cada passo que nós procuramos tornar firme, e que sobre essa toalha da vida vamos marcando.

Uma vez conseguimos transpô-las, outras rodeá-las, porque sentimo-nos sem forças.

Tudo isto é a vida, aquela existência a que o nosso ser se apega sem que vacile na resolução, só para que possa continuar a existência que a natureza lhe impoz.

Vejamo: o que é a Vida? É a luta constante para a manutenção do nosso ser e que tem um fim irrealizável.

É ser que sob carregado com as exigências da vida se vai morrendo por entre obstáculos, só conseguirá o seu meio fim, quando se deixar cair nas garras do monstro «A morte» que constantemente nos espreita.

Dentro da luta é uma cobardia; continuá-la é um massacre!

Quo escolher?

A luta embora escabrosa sempre nos deve trazer maiores prazeres que aqueles que nos possam advir da dexistência, por isso lembrando-me de uma passagem da imortal poesia «Os Lusíadas», sou de opinião e aconselho a que sigam a referida passagem que nos diz: «De tu padre da grande fortaleza Da determinação que tens tomado Não volte por detrás pois é fraqueza Dexistir da coisa começada».

sepol.

A minha Rua

Passo longas e tranquilas horas a mirar a minha rua, a vê-la animar-se e entristecer a senti-la palpitar.

Não que ela seja alegre ou airosa, com quaisquer traços de poesia. Nada disso tem, a pobrezinha. É estreita e sombria, sem uma flor espreitando das janelas, nem uma árvore com que a vista se anime.

Só lá bem longe da minha casa, onde a rua se bifurca, é que um raiozinho de sol buliçoso e doirado, limba as casas humildes daquela luz quente e amiga que nos faz sorrir e suspirar de felicidade.

É bom aquel raiozinho de sol! Chega a meio da tarde, a espreitar, malicioso, os olhos de quem o espera e lhe quer bem.

Avança devagarinho e vai inundando de claridade a nosga da calçada para onde um dia espreitou. E com ele chega a alegria.

São pequeninos amores que querem agarrar o sol com as minuscultas mãos gretadas pelo frio intenso; velhinhos venerando, que recordam o passado nem sempre isento de

que nos leve a chamar a aviação o arma do terror, mesmo em pleno exercício dentro da guerra continuará a ser a verdadeira e autêntica arma para a paz.

F. A. L.

desgraça, enquanto a luz lhes polvilha da oiro as alvas cabeleiras.

A todos o raio de luz beija com o mesmo carinho. Os que despontam para a Vida já crestados pela desdita e os que dela se despêdem com um sorriso de bondade.

Esta solicitude comove-me, pois nos homens nem sempre se encontra o desejo — quasi divino — de minorar os sofrimentos dos que, apesar de tudo, são seus irmãos.

Todos os dias abençoou aquele raio de luz e hoje com mais ardor do que nunca.

Na minha rua, tão modesta, ergue-se por estranho capricho, uma casa apalazada mimo de elegancia e conforto. É habitada por jovem casal, vindo por certo de longe e que toma um ar levemente desdenhoso quando passa rua fora.

Na sua triste romaria de padinte passou hoje pela minha rua uma extraordinária figura de homem, que fazia lembrar, pelo resto moreno e vincado e pelo ardcr concentrado do olhar, um natural desses desertos sem fim, onde tudo falta, excepto o sol causticante e as areias abrasadas.

Pediado a pobres já seguiu la-deira acima, com um passo infinitamente cansado, colhendo na sua passagem palavras de carinho. E finalmente chegou à casa apalazada, no momento em que os seus moços habitantes vinham saindo.

A mão penosamente deformada, estendeu-se num gesto de súplica que um ar de suprema amargura tornava mais eloquente.

A esmola veio na verdade, mas tão humilhante que mais valera ser recusada. Foi atirada altiva e bruscamente, quasi num receio de tocar na mão do desgraçado.

Eu sei que estas cenas, pequeninas no drama de todos os dias, são frequentes; mas nesta rua tão pobrezinha o bizarro contraste magrou-me mais profundamente.

Bem quiz com apaixonado carinho ao men ralozito de luz, que brilhou mais fulgurante e mais quente, a acalentar o corpo e a alma daquele desconhecido, talvez querendo deixar-lhe uma recordação suave que o alegre nas longas e penosas caminhadas.

Fiquei longo tempo a mirar a minha rua, a vê-la animar-se e entristecer... a senti-la palpitar... e abengeoi baixinho aquele raio de luz que lhe traz luz e bondade...

Emadal

NOTÍCIAS de Arega

Coisas da Vida — Com esta epigrafe vem o nosso amigo M. Gonçalves publicando artigos neste jornal, com referências a Arega que têm sido lidos com interesse.

Alguns reparos, entanto, nos merecem. Por exemplo: lamentou que no lugar de Casais, certo proprietário tivesse interrompido uma servidão que o articulista considera de utilidade pública. Nós, somos de opinião contrária. A interrupção da referida estrada, não prejudica, em nada, o trânsito, pois que a 20 ou 30 metros de distância há uma que a substitue com vantagem, sem causar atrasos superiores a um minuto. Assim, sem prejuizo para ninguém, valorizou-se um prédio particular.

Estrada. — Continuam em franca actividade os trabalhos de empedramento da estrada de Arega.

C.